

Ajustes da Venezuela com Fundo

WASHINGTON — A recente redução dos preços do petróleo venezuelano, por exemplo, não mudará, segundo os bancos norte-americanos, a conclusão das negociações com o governo do presidente Jaime Lusinchi para adiar os vencimentos imediatos sobre os US\$ 35,0 bilhões da dívida externa do país. Os bancos concordam que a Venezuela, que desde a reciclagem não solicita dinheiro novo ao FMI, elaborará seu próprio programa, mas pedem que ele seja submetido a uma avaliação independente do FMI, a exemplo do que fez o México.

Com uma dívida de US\$ 12,50 bilhões, a Colômbia optou por negociar um pacote de novos créditos de US\$ 1 bilhão com um consórcio de bancos estrangeiros, mas o presidente Belisario Betancur não assinou nenhum acordo de estabilização com o FMI que poderá impor sacrifícios sociais muito grandes ao país. No entanto, deu satisfações aos bancos ao aceitar que o FMI cumpra um papel de "monitoria", segundo os colombianos, e chamado de "vigilância ampliada" pelos funcionários do FMI.

Esta semana, o presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, disse que esse procedimento "pode ter repercussões sobre a posição de outros países muito endividados da América Latina".

Os preços do petróleo do Equador também caíram mas a cooperação do FMI com o governo do presidente Leon Febres Cordero permitiu ao país absorver as obrigações externas de US\$ 7,10 bilhões. Os meios financeiros fazem silêncio sobre a Bolívia (dívida de US\$ 4,3 bilhões), pois haverá eleições presidenciais neste fim de semana no país.